

## **POR UMA ESCOLA DE LUTA: a educação como práxis**

*Edgar Antônio Nery Alves CAMELO*

GT4 – Mídias, Artes, Educação e Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS)

**Resumo:** Este estudo tem como objetivo fazer uma análise bibliográfica acerca dos teóricos da educação que trabalham com a perspectiva crítica e as intersecções entre práxis e movimentos sociais. Esta análise foi possível por meio da observação em uma escola ocupada por alunos secundaristas. A observação desta escola, bem como a organização social (OS) são vistas aqui de forma heurística, ou seja, não teve objetivo central. A centralidade ficou nas reflexões dos autores da bibliografia de uma disciplina cursada na Universidade Federal de Goiás intitulada Práticas Educacionais. Os autores que fundamentaram este estudo foram: Gadotti (2012), que constata que existe uma complexidade do fenômeno educativo, esclarecendo que isso ocorre por fatores históricos culturais; Antunes (2012), que mostra que a educação na atualidade pode ser compreendida a partir da visão de sociedade na qual nos encontramos dentro das contradições da sociabilidade capitalista; Marx (2013) ressalta os conflitos das relações sociais de classe e denuncia o interesse privado; Saviani (2012), em sua perspectiva, esclarece sobre o papel da escola, mostrando-a inserida nas condições econômicas e políticas, isto é, nas relações atuais do sistema capitalista na sociedade; Frigotto (1996) que apresenta o caráter de subordinação à função social da educação; e Lefebvre (1994), que descreve práxis como uma atividade que tem a sua origem no caráter revolucionário em seu conceito de classes. Partido desses teóricos, este estudo aponta para o movimento dos estudantes secundaristas como algo que exerceu uma ação pedagógica no qual entendemos como práxis no bojo das intersecções educação e movimentos sociais.

**Palavras-chave:** Educação; Práxis; Movimentos Sociais.

### **Introdução**

Este estudo baseia-se em uma análise bibliográfica acerca dos teóricos da educação apresentados na disciplina de Práticas Educacionais na Contemporaneidade, da Pós-Graduação em Sociologia das Ciências Sociais da UFG.

Nosso objetivo é, a partir dos conceitos de educação, práxis, e movimentos sociais, identificar se há uma ação pedagógica nas atividades desenvolvidas pelos estudantes secundaristas que vêm lutando contra a implantação das Organizações Sociais (OS) nas escolas da rede estadual de ensino do Estado de Goiás.

Para que isso seja possível, partimos de um referencial teórico que nos possibilita identificar a educação, como ação ou práxis que se insere no campo da resistência dos

movimentos sociais, em específico o movimento secundarista dos estudantes de escola pública do Estado de Goiás, que resiste a ofensiva neoliberal.

Embora este estudo tenha uma característica essencialmente bibliográfica, notamos a necessidade de analisar de forma heurística e descritiva nossa percepção em visita ao Colégio de Aplicação Professor Manoel Caiado da cidade de Goiás uma das escolas ocupadas por secundaristas, isso nos possibilitou identificar ações pedagógicas, levando em consideração o caráter político da educação e sua imbricação a sociedade, intelectuais e movimento social.

### **A educação como práxis**

Para entendermos qual a perspectiva educacional que utilizamos neste estudo, apresentamos os conceitos que se entrecruzam nessa temática. Conceitos que consideramos fundamentais para compreender os processos educativos que nos dispomos a analisar: educação, práxis e movimentos sociais.

No que se refere à educação, partimos do conceito de Dermeval Saviani que, em seu texto de síntese pessoal denominado, *O trabalho como princípio educativo frente às novas tecnologias*, nos dá a definição de educação por uma perspectiva histórica, que no qual considera ser indissociável ao homem. Segundo as considerações deste autor, quando o homem surge, a educação surge com ele. Isso ocorre pela necessidade do trabalho, pela necessidade do homem em transformar a natureza e a si mesmo, produzindo sua existência e suprimindo suas necessidades.

Segundo a perspectiva de Gadotti (2012) existe uma complexidade do fenômeno educativo, explicita-nos que isso ocorre por fatores históricos culturais, pois pressupõe uma determinada visão de sociedade e de mundo.

Nesse sentido, a educação para Gadotti (2012, p.1) é,

Um fenômeno complexo, composto por um grande número de correntes, vertentes, tendências e concepções, enraizadas em culturas e filosofias diversas. Como toda educação é política, como nos ensinou Paulo Freire, ela não é neutra, pois, necessariamente, implica princípios e valores que configuram uma certa visão de mundo e de sociedade.

As considerações de Gadotti (2012) vão ao encontro da perspectiva de educação fundamentada por Antunes (2012). Para este autor, a educação na atualidade pode ser compreendida a partir da visão de sociedade na qual nos encontramos dentro das contradições da sociabilidade capitalista. Pensando nisso, Ricardo Antunes (2012, p.22) nos mostra a relação da história do capital e da educação, ao passo que, “é preciso superar os modelos de educação do capital, a educação do modelo fordista-taylorista, ou seja, uma educação formal, parcelar, hierarquizada. Uma educação cada vez mais enxuta para uma empresa, uma educação flexibilizada”.

Nos modelos educacionais atuais, o que se apresenta é uma forte tensão entre o interesse privado e o serviço público educacional. Nesse sentido, levamos em consideração as ações do Governo Estadual de Goiás, quanto ao processo de transferência de administração de algumas escolas estaduais para as Organizações Sociais<sup>1</sup>.

Sendo assim, nos é pertinente trazer uma citação do, “O capital” Crítica da economia política que Marx (2013, p.80) nos diz:

No domínio da economia política, a livre investigação científica não só se defronta com o mesmo inimigo presente em todos os outros domínios, mas também a natureza peculiar do material com que ela lida convoca ao campo de batalha as paixões mais violentas, mesquinhas e execráveis do coração humano, as fúrias do interesse privado.

Os apontamentos de Marx (2013) mostram os conflitos das relações sociais de classe e denuncia o interesse privado. Saviani (2012), em sua perspectiva, esclarece sobre o papel da escola, mostrando-a inserida nas condições econômicas e políticas, isto é, nas relações atuais do sistema capitalista na sociedade.

Em seu livro *Escola e democracia*, Saviani (2012) nos dá elementos para a discussão entre política e educação. Para o autor, toda prática educacional possui uma dimensão política e toda prática política uma dimensão educativa.

Esses autores até aqui utilizados, nos mostram as nuances da educação dentro da sociabilidade capitalista. Nesse sentido pensar em educação como prática pedagógica nesses conflitos da sociedade moderna nos levaram retomar as considerações de Gadotti (2012, p.1) que afirma, “não dá para falar de uma educação em geral, separando-a de seu contexto

---

<sup>1</sup> Organizações Sociais: Esta natureza Jurídica compreende: as fundações privadas, as fundações governamentais de direito privado e as associações, desde que qualificadas, na criação ou ao longo de sua existência, como organizações sociais nos termos da Lei nº 9.637/98, de 18 de maio de 1998. <http://concla.ibge.gov.br> IBGE 2016.

histórico. É preciso qualificar de que educação estamos falando, a partir de que ponto de vista (...) toda educação é situada historicamente”.

É essa educação como campo da disputa hegemônica, que na perspectiva das classes dominantes Frigotto (1996, p.26) mostra-nos o caráter de subordinação à função social da educação, “trata-se de subordinar a função social da educação de forma controlada para responder as demandas do capital”. Em análise às práticas pedagógicas críticas, Gadotti (2012, p.1) afirma que nessa perspectiva existe “interesse em declarar seus princípios e seus valores, não escondendo a politicidade da educação” mostrando ainda a educação para além da sala de aula, ou seja, a educação nas formas, popular, cidadã, cívica.

Sendo assim, a educação social e educação comunitária se situam no mesmo campo de significação pedagógica no campo democrático e popular. Para Gadotti (2012) a diversidade do movimento da educação social, popular, cidadã, cívica, comunitária possuem compromisso ético-político em comum que implicam na transformação da sociedade.

Essas considerações contribuem para que possamos entender o princípio político da educação como práxis. Na vertente crítica, ou seja, na concepção Marxiana da ação que transforma.

Lefebvre (1994, p.148) em seu texto *A “Práxis” A Relação Social como Processo*, infere que a teoria da práxis emerge nas obras marxianas “manuscritos de 1984, nas teses de Feuerbach, na sagrada família e na Ideologia Alemã”. Segundo esse autor, Marx utilizou o conceito de práxis como uma crítica que rejeitava as categorias e noções fundamentais da filosofia ao idealismo e materialismo.

Nesse sentido, o pensamento marxista apresentado por Lefebvre (1994) descreve práxis como uma atividade que tem a sua origem no caráter revolucionário em seu conceito de classes. É seu caráter prático de ação, interação e transformação entre homem e a natureza, que supera a especulação a filosofia. Ou seja, a filosofia não transformava o mundo, apenas as interpretações de mundo. A noção de práxis se define por oposição à filosofia e à atitude especulativa do filósofo.

Lefebvre (1994, p.150) afirma que, “a essência do ser humano é social e a essência da sociedade é a práxis: Ato, ação, interação”.

Frigotto (1996, p.25) nos traz a educação à luz das tensões sobre as disputas hegemônicas, isto é,

A educação, quando apreendida no plano das determinações e relações sociais e, portanto, ela mesma constituída e, constituintes destas relações,

apresenta-se historicamente como um campo da disputa hegemônica. Esta disputa dá-se na perspectiva de articular as concepções, a organização dos processos e dos conteúdos educativos na escola e, mais amplamente, nas diferentes esferas da vida social, aos interesses de classe.

Tais disputas refletem na sociedade por meio dos movimentos sociais que estão imbricados ao ato, ação, interação. A autora Mascarenhas (2003) explicita o significado de movimento social. Segundo esta autora, movimentos sociais significam ações coletivas realizadas e essas ações possuem um caráter educativo.

Maria da Gloria Gohn (1999) infere sobre a relação de educação e movimentos sociais, esclarecendo que possuem elemento de união que pressupõe cidadania. Ou seja, novamente a ação educativa, ou melhor, a práxis se volta para seu cunho político transformador, mesmo quando a educação perpassa a dimensão da sala de aula, visto que os movimentos sociais representam os interesses das classes populares.

Desta forma, subsidiados pelas concepções de educação, práxis e movimentos sociais aqui apresentados, buscamos refletir sobre os acontecimentos relacionados à educação do Estado de Goiás e seus novos métodos educacionais, proposto pelo governador Marconi Perillo, tanto da implementação das OS, (organização social) quanto da militarização do ensino público. Vemos como essas relações estão imbricadas nos dias atuais. Relações estas que pressupõe tensões e interesses que, mais uma vez, implicam na qualidade do ensino público (sociedade, movimentos sociais) bem como por parte das instituições privadas.

Essa afirmativa se confirma pelo o posicionamento do Ministério Público Estadual, bem como pela OAB do Estado de Goiás que, em análise mais aprofundada das ações do governo em relação à educação, recomendaram o adiamento e suspensão do edital de implantação das OS na educação em função das diversas irregularidades encontradas no mesmo. Segundo Fernando Krebs, Promotor de justiça “chegamos à conclusão que o projeto referencial é inconstitucional. Vai piorar a qualidade da educação. Vai promover a terceirização, a privatização às avessas da escola pública”.

Neste estudo buscamos nos ater às ações dos movimentos sociais que contribuíram para fomentar as discussões nos diversos âmbitos da sociedade goiana acerca dos problemas e irregularidades presentes na implantação das OS na educação. Desta forma queremos compreender práxis como ação educativa que possui sentido de resistência. O objetivo é analisar o movimento social vinculado à educação que luta contra as ofensivas do capital que o Estado imputa de forma autoritária sem diálogo com a sociedade.

Para refletirmos sobre a educação e sua subordinação aos novos tipos de produção do capital apresentamos as reflexões de Kuenzer (2007, p.1155),

O novo tipo de produção racionalizada demandava um novo tipo de homem, capaz de ajustar-se aos novos métodos da produção, para cuja educação eram insuficientes os mecanismos de coerção social (...) o novo tipo de trabalho exigia, portanto, uma nova concepção de mundo que fornecesse ao trabalhador justificativa para a sua alienação e, ao mesmo tempo, suprisse as necessidades do capital.

Ainda em análise a esse processo de produção e as práticas educativas, desde a perspectiva clássica liberal ou neoliberal, Frigotto (1996, p.30) infere que a educação, e a “formação humana terão como sujeito definidor as necessidades, as demandas do processo de acumulação de capital (...) ou seja, reguladas e subordinadas pela esfera privada, e à sua reprodução”. As considerações deste autor, mostram a segmentação e a fragmentação como estratégias da subordinação dos processos educativos ao capital.

Historicamente, a educação burguesa teve a sua função social subordinada de forma a responder às demandas do capital, tendo como uma consequência dessa subordinação a forma como foi ofertada aos grupos sociais de trabalhadores a fim de habilitá-los técnica, social e ideologicamente para o trabalho, buscando desenvolver conhecimentos e habilidades que assegurassem os interesses econômicos, políticos e culturais do capital (Frigotto, 1996).

Nessa perspectiva, Mészáros (2005, p.65) afirma que

O papel da educação é soberano, tanto para a elaboração de estratégias apropriadas e adequadas para mudar as condições objetivas de reprodução, como para a automudança consciente dos indivíduos chamados a concretizar a criação de uma ordem social metabolicamente diferente.

As considerações deste autor inferem sobre o papel da educação na elaboração de estratégias para a mudança das condições objetivas de reprodução e consequentemente na criação de uma ordem social diferente. Vimos até aqui uma intensa imbricação da educação aos movimentos sociais que dão parâmetros para a transformação por meio da práxis. A luta educacional dos estudantes secundaristas nos soa como forma de resistência contra os excessos do capital/Estado e suas investidas neoliberais<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> As formas da política Educacional no Brasil, atualmente devem ser situadas na análise das reformas neoliberais implementadas pelo Estado na década de 1990. As políticas sociais no Estado capitalista buscam manter e

Saviani (2012), em análise às teorias da educação, nos oferece subsídios para entendermos o papel de uma teoria crítica educacional. Para Saviani (2012, p.31) “o papel da teoria crítica é dar substância concreta a essa bandeira de luta de modo a evitar que ela seja apropriada e articulada com os interesses dominantes”. Diante dessa afirmação vemos a relação dialética entre política e educação no qual infere sobre a recíproca dependência.

Sobre educação e política Saviani (2012, p.85) diz que “com efeito, trata-se de práticas distintas, mas que ao mesmo tempo não são outra coisa senão modalidades específicas de uma mesma prática”.

Desse modo, vemos a importância de teorizar prática, nas palavras de Gadotti (2012, p.21) “teorizar prática para transformá-la. A prática como base para gerar pensamento. Os sujeitos populares como protagonistas do seu próprio aprendizado e atores de sua emancipação”.

Nesse sentido, vemos a significação do movimento secundarista na defesa da educação pública no Estado de Goiás. Em visita ao Colégio Estadual de Aplicação Prof. Manoel Caiado, localizado na cidade de Goiás (uma das escolas ocupadas por estudantes secundaristas por quase dois meses), percebemos como a relação entre educação e política estava sendo articulada com participação efetiva dos estudantes, ao apoio da maior parte da sociedade, de intelectuais locais e movimentos sociais ligados às bandeiras educacionais. Percebemos uma extensa programação de atividades pedagógicas, artísticas e culturais, bem como atividades para melhorar a estrutura e estética da escola.

Assim, por meio da observação das ações destes estudantes comprometidos na luta pela educação pública, vemos o sentido da frase de Gadotti (2012, p.21) “sujeitos populares como protagonistas de seu aprendizado e atores de sua emancipação”. Consideramos a importância das ações destes estudantes no sentido de fomentar as discussões em diversos níveis da sociedade; contribuindo ainda para o desenvolvimento da criticidade dos estudantes envolvidos.

### **Considerações finais**

---

controlar a força de trabalho para tender as demandas da ordem monopólica. Desta forma, as formas de intervenção do Estado são condicionadas pelas relações de produção. Outro aspecto importante presente na política neoliberal educacional é a regulação das agências multilaterais de financiamentos, como o CEPAL e Banco Mundial (BM), entre outros. (NETTO 2001)

Neste estudo buscamos, de forma sucinta, revisitar o referencial teórico apresentado na disciplina de Práticas Educacionais Contemporâneas, ofertada pelo Programa de Pós-Graduação de Sociologia das Ciências Sociais e que, nos dá parâmetros para a compreensão da relação educação e política como ação pedagógica ou práxis.

Nesse sentido, as ocupações das escolas públicas de Goiás não foram aqui expostas de forma complexa. Apenas utilizamos de forma heurística a bibliografia que nos foi apresentada aliada à nossa observação em uma das escolas ocupadas, no qual percebemos a forma de resistência dos estudantes contra as ofensivas do capital. E como esse organizado movimento corrobora com o nosso referencial teórico.

Encerraremos utilizando o pensamento de Gramsci (2001, p.15 e 16) acerca dos intelectuais,

Todo grupo social, essencial no mundo da produção econômica, cria para si, ao mesmo tempo, organicamente, uma ou mais camadas de intelectuais que lhe dão homogeneidade e consciência da própria função, não apenas no campo econômico, mas também no social e político.[...] E todo grupo social “essencial”, emergido na história da estrutura econômica encontrou categorias de intelectuais as quais apareciam como representantes de uma continuidade histórica que não foi interrompida nem pelas mais complicadas e radicais das formas sociais e políticas.

Nesse sentido as camadas de intelectuais tem tido papel importante na formação educacional, na relação intrínseca entre educação política e movimentos sócias, no qual entendemos como práxis educacional o movimento de resistência que os estudantes das escolas públicas do Estado de Goiás fizeram de forma organizada.

## Referências

ANTUNES, Ricardo. Da especialização à flexibilização: as formas da educação no modo de produção capitalista. In: Previtali, Fabiane Santana (org.). **Trabalho, educação e reestruturação produtiva**. São Paulo; Xamã, 2012.

FRIGOTO, Gaudêncio. **Educação e a crise do capitalismo real**. São Paulo: Cortez, 1996.

GADOTTI, Moacir. **Educação popular, educação social, educação comunitária: Conceitos e práticas diversas, cimentadas por uma causa comum**. Congr. Intern. Pedagogia Social July. 2012.

GRAMSCI, Antonio. Os intelectuais: o principio educativo. In: **Cadernos do cárcere**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. Vol. 2.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos sociais e educação**. Coleção Questões de Nossa Época, Cortez Editora.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal e cultura política**. São Paulo: Cortez; 1999.

IBGE; Disponível em: <http://concla.ibge.gov.br/estrutura/natjur-estrutura/natureza-juridica-2003/304-2-organizacao-social.html>

KUENZER, Acacia Zeneida. Da dualidade assumida à dualidade negada: o discurso da flexibilização justifica a inclusão excludente. In: **Educ. Sociedade**. 2007, vol.28, n.100, p. 1153-1178. ISSN 1678-4626. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-73302007000300024>

LEFEBVRE, Henri. A “praxis”: a relação social como processo. In: Foracchi, M. M.; Martins, J. S. **Sociologia e sociedade**: leituras de introdução à Sociologia. Rio de Janeiro: LTC, 1994.

MASCARENHAS, Ângela C. B.. A educação para além da escola o caráter educativo dos movimentos sociais. In. PESSOA, Jadir de Moraes (Org.). **Saberes do nós** – ensaios de educação e movimentos sociais. Petrópolis: Vozes, 2003.

MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política: Livro I: o processo de produção do capital. São Paulo: Boitempo, 2013.

MÉSZÁROS, István. **Educação para além do capital**. São Paulo: Boi Tempo, 2005.

NETTO, José. **Capitalismo monopolista em Serviço Social**. São Paulo:Cortez, 2001.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1991.

SAVIANI, Dermeval. **O trabalho como princípio educativo frente às novas tecnologias**. Síntese pessoal.